



**OFÍCIO DE COSTUREIRA ESPAÇO HISTÓRICO DE RESISTÊNCIA
FEMININA: CONSTRUINDO COMPETÊNCIAS**

**OFICIO DE COSTURERA ESPACIO HISTÓRICO DE LA RESISTENCIA
FEMENINA: CONSTRUYENDO HABILIDADES**

**TRADE OF SEAMSTRESS HISTORICAL SPACE OF FEMALE
RESISTANCE: BUILDING SKILLS**

Mislene Aparecida Gonçalves Rosa¹

Daisy Moreira Cunha²

RESUMO

Propõe-se neste artigo problematizar a naturalização de competências, o ofício de costureira foi escolhido como *locus* da pesquisa porque a atividade envolve um conjunto de práticas naturalizadas associadas ao estereótipo feminino, sendo relevante ampliar a discussão para desvelar processos sócios históricos que determinam as desigualdades entre os gêneros na sociedade e na atuação profissional. A metodologia utilizada teve como aporte o método materialista histórico, em termos de técnicas e ferramentas realizou-se procedimentos referente a pesquisa exploratória, incluindo revisão da literatura e estudo de caso. O estudo de caso foi realizado em um Curso de Corte Costura mediante observação e entrevista com uma costureira em ofício. Objetivou-se demonstrar que a atividade de costurar não está ligada de forma inseparável do ser mulher, parte-se do princípio que os saberes intrínsecos ao ofício não são naturais são competências construídas em um processo não formal de qualificação profissional. O ofício de costureira é um espaço histórico de resistência feminina, constatou-se que, ainda que muitas costureiras tenham aprendido o ofício em casa sem frequentar quaisquer cursos de qualificação profissional formal, elas mobilizam saberes construindo um agir competente muito além das habilidades técnicas, elas administram seu próprio negócio tornando-se protagonistas de sua própria história.

PALAVRAS-CHAVE: Ofício de costureira. Divisão sexual do trabalho. Abordagem ergologia com trabalho.

¹ Doutora em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

² Doutora em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

RESUMEN

Se propone en este artículo problematizar la naturalización de competencias, el oficio de costurera fue elegido como locus de la investigación porque la actividad envuelve un conjunto de prácticas naturalizadas asociadas al estereotipo femenino, siendo relevante ampliar la discusión para develar socio- procesos históricos que determinan las desigualdades de género en la sociedad y el ejercicio profesional. La metodología utilizada se basó en el método materialista histórico, en cuanto a técnicas y herramientas, se realizaron procedimientos y técnicas relacionadas con la investigación exploratoria, incluyendo revisión bibliográfica y estudio de caso. El estudio de caso se realizó en un Curso de Corte a través de la observación y entrevista como costurera. El objetivo fue demostrar que la actividad de coser no está inseparablemente ligada a ser mujer, se parte del principio de que el conocimiento intrínseco del oficio no es natural, son habilidades construidas en un proceso no formal de calificación profesional. El oficio de costurera es un espacio histórico de resistencia femenina, se constató que, si bien muchas costureras han aprendido el oficio en casa sin asistir a ningún curso formal de calificación profesional, movilizan saberes construyendo un acto competente mucho más allá de las habilidades técnicas, manejan su propio negocio convirtiéndose en protagonistas de su propia historia.

PALABRAS-CLAVE: Artesanía de costurera. División sexual del trabajo. Acérquese a la ergología con el trabajo.

ABSTRACT

It is proposed in this article to problematize the naturalization of competences, the craft of seamstress was chosen as the locus of the research because the activity involves a set of naturalized practices associated with the female stereotype, being relevant to broaden the discussion to unveil socio-historical processes that determine the inequalities between genders in society and professional practice. The methodology used was based on the historical materialist method, in terms of techniques and tools, procedures and techniques related to exploratory research were carried out, including literature review and case study. The case study was carried out in a Cutting Course through observation and interview as a seamstress. The objective was to demonstrate that the activity of sewing is not inseparably linked to being a woman, it is based on the principle that the intrinsic knowledge of the craft is not natural, it is skills built in a non-formal process of professional qualification. The craft of seamstress is a historical space of female resistance, it was found that, although many seamstresses have learned the craft at home without attending any formal professional qualification courses, they mobilize knowledge building a competent act far beyond the technical skills, they manage their own business becoming protagonists of their own history.

KEYWORDS: Seamstress craft. Sexual division of labor. Approach ergology with work.

* * *

“tudo muda, mas tudo permanece igual”

DANIÈLE KÉRGOAT, 2010, p.94

Introdução

O ofício de costureira apresenta uma dinâmica social significativa relacionada a forma como a atividade é historicamente atribuída às mulheres visto que elas sempre estiveram envolvidas com a atividade e, embora nem sempre valorizadas como trabalhadoras profissionais, o ofício foi responsável por transformações tanto na vida familiar e social das mulheres quanto na própria organização do trabalho ao longo da história. Richard Sennett (2009), em seu livro “O Artífice”, relata que desde a antiguidade os ofícios relacionados à confecção têxtil (fiação; tecelagem e costura) eram atividades reservadas para às mulheres, que lhes conferiam respeitabilidade na vida pública.

Situar a pesquisa especificamente no ofício de costureira deve-se ao fato desse setor, historicamente, ter uma preponderância da força de trabalho feminina, no qual destina às mulheres trabalhos que envolvem um conjunto de práticas naturalizadas com características associadas ao estereótipo feminino, tarefas que requerem paciência, minúcia e habilidade motora fina, por exemplo. O ofício de costureira é um espaço histórico de resistência feminina, onde mulheres trabalharam e lutaram por sua independência financeira e empoderamento.

Neste contexto, propõe-se neste artigo ampliar a discussão em busca de desvelar os processos sócios históricos que determinam as desigualdades entre os gêneros na sociedade e na atuação profissional, o argumento principal é que a divisão do trabalho, baseada na dinâmica de “trabalho de homem” e “trabalho de mulher”, toma como referência à diferença sexual. Mulheres e homens são direcionados a assumirem diferentes funções sob a justificativa de serem biologicamente mais adequados para determinadas tarefas e não outras.

No entanto, esta divisão baseada na concepção de que a diferença biológica dos sexos, masculino e feminino, representaria também uma diferença de habilidades e competências que mulheres e homens carregariam naturalmente em seus corpos biológicos são argumentos que contribuem para a desvalorização do trabalho feminino, naturalizando as desigualdades entre os sexos, torna-se necessário retratar a dinâmica complexa da reprodução de desigualdades nas quais o institucional, o estrutural e o simbólico estão imbricados.

Desta forma, dar visibilidade ao modo singular do trabalho feminino frente às proposições do meio é o fio de onde pode-se tecer a trama para desvelar a complexidade da atividade e assim desmistificar a naturalização das competências ditas femininas.

Procura-se demonstrar que a atividade de costurar não está ligada de forma inseparável do ser mulher parte-se do princípio que os saberes intrínsecos ao ofício não são naturais são competências construídas em um processo não formal de qualificação profissional.

Na perspectiva de uma análise crítica dos dados buscou-se a interlocução entre dois eixos teóricos: Abordagem Ergológica do Trabalho e Relações Sociais de Sexo, apropriando-se de conceitos, definições e discussões e teóricas.

A metodologia utilizada teve como aporte o método materialista histórico, em termos de técnicas e ferramentas realizou-se procedimentos referente a pesquisa exploratória incluindo revisão da literatura e estudo de caso. O estudo de caso foi realizado em um Curso de Corte Costura mediante observação e entrevista com uma costureira em ofício.

Um dos desafios em relação à pesquisa diz respeito ao posicionamento ético da/o pesquisadora/or, em vista do necessário diálogo com os sujeitos de pesquisa. Sendo assim, torna-se necessário considerar o rigor científico na pesquisa qualitativa, frente aos aspectos éticos nela implícitos. No Brasil, as exigências éticas e científicas na pesquisa que envolvem seres humanos, aplicáveis a todas as áreas do conhecimento, estão expressas na Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 466, de 12 de dezembro de 2012 (BRASIL, 2012) e, especificamente, a sessão III intitulada “Aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos.”

Na pesquisa as autoras se seguiram os requisitos previstos pelo CNS nº 466/12, a adesão das participantes foi voluntária sendo-lhes assegurado o direito de se retirarem da pesquisa a qualquer momento. A proteção das informações fornecidas foi garantida por meio do armazenamento do material produzido em local de acesso restrito as pesquisadoras. O anonimato das participantes foi garantido ao substituir o nome por nomes fictícios.

Profissão ou Ofício de costureira?

A construção histórica separa o conceito de ofício e de profissão promovendo uma sequência de debates sobre ambos os termos estendida sob diversos aspectos. Neste artigo os dois termos serão utilizados, mas será priorizado o termo ofício para definir a função de trabalho da costureira.

Para iniciar a contextualização torna-se necessário considerar a diferença dos vocábulos profissão e ofício. O termo profissão vem do latim *profesione* que remete ao

ato ou efeito de professar. Targino (2000, p. 63), define profissão como “declaração ou confissão pública de uma crença, sentimento, opinião ou modo de ser, conduzindo à concepção ampla de atividade ou ocupação especializada, que requer preparo e formação”.

A palavra ofício é originária da palavra latina *officiu* (dever), Sousa Neto (2005, p. 250) explica que a definição de “dever da palavra ofício representa certo saber-fazer àqueles que comungam do mesmo conjunto de conhecimentos e habilidades, e são capazes de reproduzir certos objetos e/ou objetivos com base nos mesmos rituais”.

Os ofícios relacionados a confecção têxtil apresentam uma dinâmica significativa que envolve questões sociais e a forma que o trabalho é historicamente atribuído às mulheres, visto que às mulheres sempre estiveram envolvidas com a atividade e embora nem sempre valorizadas como trabalhadoras profissionais, tais ofícios foram responsáveis por transformações tanto na vida familiar e social das mulheres, quanto na própria organização do trabalho ao longo da história.

Dubar (2012), no texto “A construção de si pela atividade de trabalho: A socialização profissional” explica que os estudos dos sociólogos funcionalistas americanos distinguem dois tipos de atividades de trabalho: as profissões e os ofícios. As profissões são consideradas escolhas e áreas autônomas que permitem a construção de uma carreira, a sociologia funcionalista das profissões busca enfatizar características comuns capazes de identificar qualquer profissão, diferenciando-as dos ofícios. Na visão funcionalista, uma atividade só pode ser considerada uma profissão se ela possuir um conjunto específico e preciso de atributos, os critérios adotados para definir profissões baseiam-se:

[...] na presença de um corpo de conhecimento especializado e abstrato; na autonomia no exercício profissional; na capacidade de autoregulação; na existência de procedimentos de credenciamento; no exercício da autoridade sobre os clientes; e na publicação de um código de ética. (DINIZ, 2001, p. 18-22).

As teorias funcionalistas atribuem uma superioridade à profissão em relação aos ofícios, entretanto, Angelin (2010) traz uma ressalva sobre a oposição entre profissão e ofício, o autor explica como surgiu a noção de superioridade das profissões:

[...] antes da multiplicação das universidades no século XIII, o trabalho era algo consagrado e todos os trabalhadores, sejam eles das artes liberais (artistas, intelectuais) ou das artes mecânicas, (artesãos, trabalhadores manuais) eram provenientes de uma mesma organização corporativa. A separação entre artes liberais e artes mecânicas só

ocorreu com a expansão e fortalecimento das universidades, gerando, por fim, uma oposição entre profissões – que surgiram das artes liberais e que eram ensinadas na universidade e estavam ligadas ao conhecimento técnico-científico, e os ofícios que surge das artes mecânicas, [...] onde as mãos trabalham mais do que a cabeça e que se limitam a determinados números de operação mecânica. A partir disso, a profissão passa ser associada ao espírito, ao intelectual, ao nobre e o ofício surge associado à mão, braços, baixo, etc. (ANGELIN, 2010, p. 56).

Cabe evidenciar que as teorias funcionalistas das profissões são alvo de críticas por outras correntes de pensamento. Por exemplo, teorias que ressaltam o papel dos mecanismos econômicos, tendo como base a teoria marxista, e a questão do poder e das estratégias profissionais.

No Brasil, o ofício de costureira é reconhecido pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), mas a profissão não é regulamentada. A regulamentação depende da existência de leis que atribuem direitos e deveres específicos de cada profissão, tramita na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei nº 7806/14 de autoria do Deputado Amauri Teixeira (PT-BA) que prevê a regulamentação da profissão de costureira em todo o território nacional.

No texto do projeto de Lei nº 7806/14 classifica-se como costureira:

Art. 2º - Costureira (o) é a (o) profissional que projeta e modela confecções de roupas sob encomenda, atuando em todas as etapas da confecção, desde o desenho do modelo até o seu formato final, podendo atuar coletivamente em fábricas/oficinas, em cooperativas e no próprio ambiente residencial. (PROJETO DE LEI Nº 7806/2014, 2014).

Entre outras medidas, o projeto pretende estabelecer que a profissão seja exercida apenas por maiores de 18 anos, que passaram por curso de formação específico, reconhecido pelo MTE. As costureiras em exercício de sua profissão, assim como as novas que desejarem abraçar a profissão após a promulgação desta lei, deveriam inscrever-se nos Conselhos Regionais de Costura (CRC) de sua respectiva região.

Ao debater o projeto, alguns críticos argumentam que a exigência de curso específico e a inscrição no CRC pode ser considerado uma limitação ao exercício profissional, visto que muitas costureiras ingressam em seus ofícios a partir de conhecimentos adquiridos com familiares, e muitas desenvolvem suas habilidades de maneira empírica. Eles alegam também que a regulamentação da profissão pode

engessar o setor têxtil, podendo causar conflitos trabalhistas com as diferentes categorias.

O projeto também prevê:

Art. 17º – A jornada de trabalho das costureiras, tendo em vista o desgaste, o esforço repetitivo, e as doenças e problemas posturais, será limitada em seis horas diárias e em trinta semanais, sendo que as horas que excederem este tempo, não superior a duas horas diárias, serão consideradas horas extras pagas a razão de 100%.

Art. 19º - As costureiras terão direito a insalubridade de 20%, incidente sobre o conjunto de seu salário, dispensando laudo técnico para a sua comprovação. (PROJETO DE LEI Nº 7806/2014, 2014).

O Projeto de Lei nº 7806/14 aborda temas importantes quanto a regulamentação do trabalho de costureira, por exemplo, os limites de jornada, as pausas, o intervalo para refeições, os adicionais de insalubridade e o piso salarial nacional. Discutir tais temas são importantes no intuito de amenizar à situação precária vivida por muitas costureiras. Nesta pesquisa não se pretende discutir a pertinência dos itens propostos no Projeto de Lei nº 7806/14, contudo, apresentar contrapontos é essencial para fortalecer o debate, defende-se aqui a importância de discutir medidas para proteger, principalmente, mulheres trabalhadoras, pouco qualificadas, de baixa renda e com filhos pequenos.

Ciente da peculiaridade e heterogeneidade da ocupação de costureira, propõe-se pensar, de forma bastante simplista, o ofício em duas categorias distintas, costureira da produção industrial em grande escala estão mais vulneráveis ao trabalho escravo, trabalho precarizado e trabalho em condições insalubres. Já as costureiras que trabalham em casa, são consideradas trabalhadoras autônomas que, em geral, vivem em condições bastante precárias, sem acesso a direitos sociais básicos.

O ramo de confecções, setor que faz uso intensivo do trabalho empregando majoritariamente mulheres e é fortemente marcado pela informalidade. Colombi, Lemos e Corrêa (2020), analisam a reforma trabalhista de 2017, Lei nº 13.429/2017, que versa sobre trabalho temporário e prestação de serviços, e a Lei 13.467/2017, que introduz novas modalidades de contratação e alterações na jornada de trabalho, formas de remuneração e condições de trabalho.

A reforma trabalhista, legislação que flexibiliza as relações de trabalho, tem sido amplamente defendida pelos empresários que contratam diretamente costureiras assalariadas com carteira assinada no setor da confecção, o principal argumento seria o aumento na geração de empregos formais no setor, garantindo a competitividade das

empresas diante do baixo custo de produção do setor informal. No entanto, as autoras constataam que, “até o momento, a reforma não gerou resultados positivos sobre o mercado de trabalho.” (COLOMBI; LEMOS; CORRÊA, 2020, p. 243).

Sorj (2000) constata que a costureira, trabalhadora no domicílio, que trabalha na sua própria casa para as empresas de confecção são o elo mais precarizado na cadeia de relações distintas do ofício de costureira. Tentando fugir de uma relação formalizada com as trabalhadoras a domicílio — o que elevaria muito o custo do trabalho —, as empresas transferem para as próprias costureiras os custos sociais de direitos trabalhistas e proteção previdenciária.

Abordagem ergológica do trabalho e relações sociais de sexo

O contato com a produção científica sobre a abordagem ergológica do trabalho ampliou as possibilidades entendimento do papel da mulher no mundo do trabalho bem como a importância de discutir as implicações da divisão sexual do trabalho, tomando o trabalho no sentido amplo como atividade humana capaz de transformar o meio.

Yves Schwartz (2003) argumenta que a atividade de trabalho é invariavelmente entrelaçada de história:

[...] toda vida humana, porque ela é em parte uma experiência, é atravessada de história. Mas quando se trata do trabalho, se isto é verdade também, não se trata de uma “pequena história”, de uma história marcada pelo acaso das vidas individuais: nenhuma situação humana, sem dúvida, concentra, “carrega” com ela tantos sedimentos, condensações, marcas de debates da história das sociedades humanas com elas mesmas quanto as situações de trabalho: os conhecimentos acionados, os sistemas produtivos, as tecnologias utilizadas; as formas de organização, os procedimentos escolhidos, os valores de uso selecionados e, por detrás, as relações sociais que entrelaçam e opõem os homens entre si, tudo isto cristaliza produtos da história anterior da humanidade e dos povos. (SCHWARTZ, 2003, p. 23).

Na constatação de que a atividade de trabalho está entrelaçada pelas relações sociais, Helena Hirata e Danièle Kérgeat (1994) explicam que as condições de trabalho dos trabalhadores e das trabalhadoras são quase sempre assimétricas, portanto, analisar os postos de trabalho em termos de unidade de classe operária sem considerar o gênero, poderá levar a um conhecimento falso das relações de trabalho.

A hipótese inicial desta pesquisa é que a divisão do trabalho, baseada na dinâmica de “trabalho de homem” e “trabalho de mulher”, toma como referência à diferença sexual. Mulheres e homens são direcionados/as a assumirem diferentes funções sob a justificativa de serem biologicamente mais adequados/as para determinadas tarefas e não outras. No entanto, esta divisão baseada na concepção de que a diferença biológica dos sexos masculino e feminino representaria também uma diferença de habilidades e competências, que mulheres e homens carregariam naturalmente em seus corpos biológicos, são argumentos que contribuem para a desvalorização do trabalho feminino, naturalizando as desigualdades entre os gêneros.

Dar visibilidade ao modo singular da atividade feminina frente às proposições do meio é o fio de onde pode-se tecer a trama para compreender em que medida os saberes constituídos pelas mulheres no âmbito do trabalho reprodutivo, são mobilizados nas relações de trabalho produtivo apontando aspectos da dinâmica entre estes, por meio da análise das competências evidenciadas em situações de trabalho.

A formação profissional de uma trabalhadora é impactada por competências, mais ou menos invisíveis, decorrentes da experiência nas diferentes esferas sociais. Duas dessas esferas, a do trabalho doméstico e a do trabalho produtivo, são particularmente importantes na estruturação de saberes e na constituição de valores pertinentes ao mundo do trabalho. Em uma leitura das relações sociais de sexo como uso de si, na abordagem ergológica, busca-se reconhecer tanto a determinação social entre feminino e masculino – o uso de si pelos/as outros/as – quanto uma estratégia de ação sobre essa mesma determinação (uso de si por si).

Uma das problematizações colocadas é a tendência de elegerem e supervalorizarem algumas habilidades e competências em detrimento de outras e atribuí-las diferentemente à mulher e ao homem – como se fosse um processo natural. Tal concepção de naturalização tem sido confrontada ao se discutir a dinâmica de incorporação de mulheres no mundo do trabalho, intensas transformações têm sido observadas, para citar um exemplo; a crescente participação de mulheres em áreas/setores socialmente consideradas masculinas. Ainda que no seio das transformações se conservem algumas permanências – designar majoritariamente às mulheres atividades gratuitas e invisíveis realizadas no espaço privado, cuidados e afazeres domésticos, sob a forma de atributos “naturais” femininos.

Ao analisar a presença da mulher no mundo do trabalho, observam-se dois aspectos, o primeiro refere-se ao quantitativo do sexo feminino na composição de

determinadas áreas/setores e profissões/ocupações. O segundo concerne a aspectos qualitativos da transformação das profissões/ocupações em que tarefas/atividades que reproduzam um saber construído como socialmente feminino torna a profissão/ocupação desvalorizada socialmente. Yannoulas (2011) propõe os conceitos de feminilização e feminização para diferenciar esses dois aspectos do trabalho da mulher:

Um significado quantitativo que optamos por denominar de feminilização: refere-se ao aumento do peso relativo do sexo feminino na composição de uma profissão ou ocupação; sua mensuração e análise realizam-se por meio de dados estatísticos e um significado qualitativo que denominaremos feminização que alude às transformações de significado e valor social de uma profissão ou ocupação, originadas a partir da feminilização ou aumento quantitativo e vinculadas à concepção de gênero predominante em uma época. (YANNOULAS, 2011, p. 271).

A autora ressalta-se que os aspectos quantitativos são inerentes aos processos de transformação da composição sexual no mundo do trabalho, todavia os aspectos qualitativos da transformação dizem respeito à associação de certas características generificadas, o que torna sua compreensão não tão evidente (YANNOULAS, 2011).

Na perspectiva de uma análise crítica, pretende-se discutir o papel da dimensão do gênero do indivíduo na construção da atividade de trabalho, questiona-se como a dimensão individual e o gênero estruturam as expectativas e conformam a ação social, sendo essa perspectiva especialmente importante para compreender as diferentes trajetórias percorridas por homens e mulheres no trabalho. Buscando captar como homens e mulheres, socializados conforme seu sexo/corpo biológico experienciam o processo de trabalho e são capazes de realizar sua atividade, assim como refletir como eles são afetados pelo ambiente organizacional concernentes ao/a trabalhador/a.

Enquanto categoria de análise, sexo e gênero são dimensões fundamentais da vida social, correspondem a categorias mutuamente articuladas de análise das relações sociais. De forma simplificada considera-se aqui que, o termo sexo remete ao ser biológico e o termo gênero refere-se à gradativa construção social/cultural a partir deste sexo biológico, sendo que o elemento fundador de ordem biológica é, com frequência, destacado para justificar, ideologicamente, aquilo que a cultura estabelece como sendo personalidade e comportamento de homens e mulheres (PEDRO, 2005).

A partir desta assertiva um dos problemas a serem investigados nesta pesquisa é a pertinência de se considerar os saberes de forma sexuada e imputá-los às mulheres e aos homens de maneira “natural”. Parte-se do pressuposto de que não é pertinente tal

naturalização, neste contexto, a categoria sexo aqui proposta busca combater o determinismo biológico, focalizando a relação entre homens e mulheres, discutindo a opressão da mulher como socialmente construída.

Antonio Sérgio Guimarães (2016, p. 32) defende a tese de que a “sociologia se constrói como reflexão científica à medida que supera e demonstra o caráter fundamentalmente histórico e socialmente construído dos seus objetos, anteriormente pensados como pertencentes à natureza.” Neste sentido o autor ressalta a importância de estudos acerca da definição social dos sexos, uma vez que o termo ainda encontra muita resistência em ser pensado fora do contexto biológico/natural.

Guimarães (2016) citando Weber (2003) propõe uma inversão metodológica, ao analisar o conceito de raça para a sociologia: “em lugar de pensar a raça como expressão de características imanentes de uma certa biologia humana, que condicionaria o comportamento social, Weber se perguntou sobre o que a crença na ideia de raça, na sua existência, poderia significar em termos de formação de comunidades.” (GUIMARÃES, 2016, p. 7).

De forma análoga, propõe-se pensar o conceito de sexo além do determinismo biológico, argumenta-se que, embora mulheres e homens tenham diferenças biológicas, no mundo do trabalho as dificuldades enfrentadas pelas mulheres geralmente decorrem das normas de gênero, expectativas e oportunidades diferentes em relação a mulheres e homens, e não das diferenças biológicas entre os sexos. De acordo com Guimarães (2016, p. 18), “o sexo enquanto objeto sociológico é tão somente uma relação de poder a partir da qual operam outros processos sociais diversos”.

Ao abordar a pluridisciplinaridade na abordagem ergológica e a conjunção de saberes Pierre Trinquet (2010) faz uma analogia com a formação de uma molécula de água, em que dois elementos químicos diferentes (hidrogênio e oxigênio) se ligam para constituir uma substância nova:

A conjunção desses saberes é análoga a uma situação química, quando se mistura um átomo de oxigênio – que é um gás – com dois átomos de hidrogênio – que também é um gás –, obtém-se a água, que é um líquido. Nessa água, certamente, há oxigênio e hidrogênio, mas, a sua natureza é muito diferente; o que sinaliza a abertura de outras possibilidades e aplicações que esses dois gases originais podem oferecer. (TRINQUET, 2010, p. 95).

A partir da analogia o autor conclui que a água não coloca em questão os valores e os interesses intrínsecos do oxigênio e do hidrogênio, apenas constata que a soma de vários elementos diferentes resulta em um composto diferente (TRINQUET, 2010).

Extrapolando o que foi dito por Trinquet (2010), procura-se aqui estabelecer uma interlocução entre a abordagem ergológica e o conceito de consubstancialidade elaborado por Kér goat (2010).

Partindo da ideia de relações coextensivas que se sobrepõem: a exploração de classe e a opressão de sexo/gênero como indissolúveis, tornam-se relevante utilizar-se do conceito de consubstancialidade elaborado por Kér goat em 1978 em termos de articulação entre as relações sociais de sexo e classe social, mais tarde, em termos de imbricação entre classe, sexo e raça. Kér goat (2010) explica o termo consubstancialidade a partir do paradoxo das relações sociais de sexo, exemplificando que a melhoria na situação da mulher no mercado de trabalho ao mesmo tempo intensifica a divisão sexual do trabalho, pois:

[...] tudo muda, mas tudo permanece igual. Esse paradoxo me parece bastante ilustrativo dos impasses que um tipo de pensamento que segmenta as relações sociais, que os considera isoladamente, enfrenta. A minha tese, no entanto, é: as relações sociais são consubstanciais; elas formam um nó que não pode ser desatado no nível das práticas sociais, mas apenas na perspectiva da análise sociológica; e as relações sociais são coextensivas: ao se desenvolverem, as relações sociais de classe, gênero e “raça” se reproduzem e se coproduzem mutuamente. (KÉRGOAT, 2010, p. 94).

De acordo com Hirata (1995, p. 40), conceituar as relações sociais em termos de coextensividade, explica que “a exploração no trabalho assalariado e a opressão de sexo são indissolúveis; a esfera da exploração econômica — ou a das relações de classe — é, ao mesmo tempo a esfera em que se exerce o poder masculino sobre as mulheres”. Gerando assim desigualdades de oportunidades que legitimam hierarquias, configurando-se uma valorização diferenciada do trabalho masculino e feminino, sendo aquele mais valorizado do que este.

Circulação de saberes e valores no ofício de costureira

Os aportes teóricos e metodológicos utilizados na pesquisa contribuíram para uma maior aproximação do trabalho real das costureiras o conceito de atividade foi

primordial possibilitando compreender o trabalho como um lugar permanente de micro escolhas, de debate de normas e valores. Segundo Schwartz (2004), analisar a atividade de trabalho implica se interessar por todos os usos de si que se fazem nessa atividade, por todas as circulações ali presentes, pelos efeitos das conjunturas, das determinações históricas sobre essa atividade.

Pela dinâmica social da divisão sexual do trabalho, as mulheres são as principais responsáveis pelo trabalho doméstico, portanto enfrentam o desafio de compatibilizá-lo com o trabalho remunerado, isto se dá por intermédio de métodos diversos, via gestão do tempo com horas adicionais de trabalho à noite e redução do intervalo de descanso, por exemplo.

Olhar para a atividade de trabalho das costureiras implicou em observar os usos de si – uso de si por si e uso de si pelos/as outros/as – que essas mulheres realizam no seu dia a dia. Para Schwartz (2004, p. 39), toda atividade humana é comensurável a uma experiência, a uma negociação problemática entre normas antecedentes e as normas de sujeitos singulares, sempre a serem redefinidas aqui e agora, o que torna possível, entre o tempo de trabalho assalariado e o tempo privado, a circulação de valores e de patrimônios.

A circulação de valores e saberes independe de onde, quando e quem realiza a atividade, pois toda ação humana envolve usos de si para si e para os outros, no entanto para compreender os valores e saberes que circulam na atividade da costureira que trabalha em casa é preciso trazer a discussão proposta pela divisão sexual do trabalho e das relações sociais de sexo para determinar como a atividade da mulher é determinada parcialmente por normas antecedentes e parcialmente por normas que se reconstroem no encontro, sempre singular, com variabilidades inscritas nas situações de trabalho no contexto doméstico.

Helena Hirata e Danièle Kérgeat (2020) no texto “Atualidade da divisão sexual e centralidade do trabalho das mulheres”, revisitam as definições de divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo, mostrando a atualidade teórica desses conceitos para pensar a definição do trabalho e sua centralidade. A problemática da divisão sexual do trabalho e a questão correspondente de relações sociais de sexo têm uma longa história:

Elas nascem na França, no fim dos anos 1970, num contexto social e econômico bastante particular: o do movimento feminista da segunda onda e de movimentos sociais então muito fortes, com a emergência de novos atores até então invisibilizados (os jovens, as mulheres, os/as

imigrantes). Também se deve lembrar o movimento maciço de assalariamento crescente das mulheres, iniciado nos anos 1960. Em tal contexto, tratava-se para nós, sociólogas feministas, de destrinchar as velhas conceitualizações em vigor na Sociologia. A partir da afirmação de que o trabalho doméstico era trabalho, no sentido pleno, contestamos a separação entre Sociologia da Família e Sociologia do Trabalho, mostrando que a teorização em termos de papéis sociais era inadequada para pensar a realidade do trabalho. Afirmamos que era impossível falar de divisão social do trabalho ancorando-a na doxa marxista, sem dar um lugar determinante à divisão sexual do trabalho. (HIRATA; KÉRGOAT, 2020, p. 23).

Schwartz (2000a) desvenda o trabalho como lugar de debate, sempre envolvendo uso de si, uso de si pelos/as outros/as, visto que o trabalho é, em parte feito normas heterodeterminadas e valores construídos historicamente. E também uso de si por si, já que o sujeito cria estratégias singulares para enfrentar os desafios do seu meio. No ofício de costureira, essa realidade faz emergir no curso da atividade novos valores e saberes.

No trabalho o sujeito é colocado diante de diferentes racionalidades e valores. Schwartz (2004) propõe a abordagem do trabalho como atividade industriosa, o conceito não está associado ao espaço físico das indústrias trata-se de uma realidade muito mais ampla, o autor define o conceito como uma ação humana qualquer - trabalho para si, trabalho doméstico, atividade lúdica, esportiva - e também o trabalho economicamente reconhecido.

O vocábulo 'atividade' não faz mais, nitidamente, a distinção com os serviços ou as prestações múltiplas de que a vida cotidiana, fora do tempo remunerado, é o caldeirão e o espaço. Mas, justamente, isso não é um indício de que é preciso pensar, ao mesmo tempo, tanto as especificidades não redutíveis entre os espaços e os tipos de exigências, quanto as circulações em todos os sentidos (para retomar um termo utilizado anteriormente) entre os diferentes 'usos de si' nas diferentes esferas, tornados possíveis por sua inclusão no conceito geral de atividade? Desse ponto de vista, datar o 'nascimento' do trabalho quando da emergência do regime salarial é cortar suas comensurabilidades - mais ou menos frouxas, mais ou menos estreitas - com as outras formas da atividade humana, por exemplo, com as atividades tradicionalmente assumidas pelas mulheres na família ou no grupo social, e cujas raízes remete a outras épocas. (SCHWARTZ, 2004, p. 39).

Hirata e Kérgoat (2020, p. 25) explicam que, no que diz respeito ao trabalho feminino, como se as profissões requeressem qualidades que são consideradas inatas, e não adquiridas por uma aprendizagem, portanto, são fatos da natureza e não da cultura:

[...] é como se a menina originária de classes populares, por sua educação específica de futura reprodutora e o exercício cotidiano do trabalho doméstico, não precisasse adquirir as qualidades para exercer esses empregos. Assim, essas mulheres não são babás ou diaristas porque não foram formadas ou foram malformadas pelo aparelho escolar, mas porque elas são bem formadas pelo conjunto do trabalho reprodutivo – que elas devem assegurar dado o seu lugar na divisão sexual do trabalho e, mais amplamente, na divisão social no seu conjunto. (HIRATA; KÉRGOAT, 2020, p. 25).

De forma semelhante, acontece no ofício de costureira, como a construção dos saberes e competências ocorrem sempre em referência no espaço do privado, fora dos canais de qualificação formal, aparece-lhes como uma competência inata o que se torna um obstáculo para que as costureiras sejam reconhecidas convenientemente. Essa realidade faz com que elas tenham como demandas gestões econômica e social e o contexto de necessidade do trabalho remunerado como fonte de renda da família, as pressionam a aceitar condições precárias de trabalho.

Toda abordagem do indivíduo nas atividades industriais, criam condições exteriores objetivadas, processos tecnológicos, modos operatórios prescritos pela divisão do trabalho, tradição ou cultura unilateralmente definidas, esta é a dimensão de um engajamento problemático, mas irrefutável das experiências subjetivas no espaço do trabalho (SCHWARTZ, 2000a, p. 39).

A análise da atividade possibilita compreender as dimensões subjetivas da situação de trabalho, de acordo com Brito e Oliveira (2011) à situação de trabalho é um conjunto de meios físicos, de objetos materiais e simbólicos, de sujeitos humanos, de tecnologia e de organização, mas também o resultado de escolhas organizacionais se referindo aos objetivos e aos meios para atingi-los: as escolhas de ação, a realização das ações relativas a sujeitos específicos, aos meios, aos objetos, às técnicas.

Em busca de melhor conhecer o trabalho do ponto de vista do sujeito e as situações de trabalho, Schwartz (2004, p. 43) conclui que trabalhar é gerir em situação entre todos esses elementos que perpassam a atividade de trabalho, “é mais algo como um gerir-se coloca problema numa síntese de capacidades diferentes a serem implementadas, no ordenamento das prioridades, nas escolhas a serem feitas, que também são, insidiosamente, maneiras de se escolher.”

A utilização da noção atividade se desenvolve a partir da ideia de valores quantificáveis e valores sem dimensões, os valores que operam no ofício de costureira não estão desassociados dos valores que movem as costureiras no seu dia a dia. Elas

expressam valores que circulam entre seu ofício e sua vida, circulação de valores e saberes que constroem nessa costureira o engajamento necessário para intervir de maneira satisfatória nos problemas gerados na situação de trabalho, quando as normas antecedentes não conseguem prever certas variabilidades a costureira reconfigura o meio como seu próprio meio, a atividade é executada por um indivíduo portador de história e saberes em um permanente debate de normas e valores com microescolhas.

De maneira mais ampla, toda atividade é retrabalho das normas e valores, portanto, fonte de novos saberes à espera de serem mobilizados para gerar o agir em competência.

Procedimentos Metodológicos

A investigação aqui proposta teve uma abordagem qualitativa, contextualizada no plano da realidade, no plano histórico, sob a forma da trama de relações contraditórias e conflitantes. Os resultados foram analisados em uma perspectiva dialética, conforme alerta Gaudêncio Frigotto (2010) de forma a romper com o modo de pensar dominante ou com a ideologia dominante. É, conforme sugere Antônio Gramsci (1978), apresentar uma atitude polêmica e crítica, como superação da maneira de pensar precedente e do pensamento concreto existente.

A pesquisa foi realizada na perspectiva de relações sociais de sexo e da abordagem ergológica do trabalho, a produção neste campo é densa e propícia, apresenta uma variedade de conceitos que contribuiram para o estudo. A discussão foi realizada a partir dos conceitos propostos principalmente Danièle Kérigoat e Helena Hirata. Para estabelecer as bases conceituais para pensar a atividade, os valores e os saberes, utilizou-se das obras de Yves Schwartz, a ampliação da argumentação ocorreu pela análise de outras questões apresentadas por diversas/os autoras/es que dialogam com os conceitos do referencial teórico.

As técnicas de pesquisa aqui apresentada têm sua escolha justificada pelo objetivo e discussões propostos neste artigo utilizou-se de duas técnicas de coletas de dados: i) participar de um curso de corte e costura; ii) observar uma costureira em ofício.

Poder-se-ia pensar o local escolhido para a pesquisa empírica, sala de costura de costureiras que trabalham em casa, como um ambiente bastante comum e rotineiro, participar do curso de corte e costura permitiu a pesquisadora minimizar os efeitos que

distorcem a percepção, permitiu que a realidade fosse percebida tal como ela é, e não como a pesquisadora pensava que fosse.

A pesquisa analítica, da maneira proposta neste estudo, ocorreu de forma aberta e flexível com o objetivo de encontrar pistas de reflexão, descobrir enfoques e percepções, contribuindo para que, pouco a pouco, as percepções das pesquisadoras fossem se ajustando à percepção dos sujeitos de pesquisa.

Aprendendo a costurar

O Curso de Corte e Costura foi ministrado por uma costureira com mais de 40 anos de profissão, chamada aqui de Madrepérola. Para a implantação do curso, Madrepérola vivenciou algumas dificuldades pelo fato de não contar com recursos financeiros para aquisição dos equipamentos para ministrar as aulas práticas. Outra dificuldade foi encontrar um espaço físico com estrutura adequada. Assim, Madrepérola precisou associar-se ao projeto “Ação Social” organizado pela Paróquia Nossa Senhora da Glória (localizada na região metropolitana de Belo Horizonte).

O Curso não é exclusivo para mulheres, no entanto a responsável pelo projeto “Ação Social” e também a professora Madrepérola relataram que durante o tempo em que estão no projeto nenhum homem fez inscrição no Curso de Corte e Costura, desta forma neste texto optou-se por utilizar apenas o termo alunas para designar quem fez o curso.

A seleção das alunas: a cada semestre são disponibilizadas 30 vagas distribuídas em 03 turmas. Realiza-se uma inscrição previa para preencher a quantidade de vagas em cada turma/horário. É cobrado das alunas uma mensalidade com valor simbólico de R\$50,00, e as que não têm condições de contribuir com este valor é concedida a isenção.

Madrepérola ministra o curso de forma voluntária, o projeto social disponibiliza a sala com infraestrutura e os equipamentos. Os insumos de uso coletivo, por exemplo agulhas e linhas são adquiridas por meio de doações, os materiais de uso individual são adquiridos por cada aluna antes de iniciar o curso cada aluna recebe uma lista de material, devem-se providenciar uma régua/esquadro de costura, papel Kraft, alfinetes, fita métrica, tecido e outros.

A professora: Madrepérola, 72 anos, viúva, dois filhos e uma filha. Trabalhou como costureira por mais de 40 anos, aprendeu o ofício observando a mãe costurar. Ao

longo da vida procurou se aprimorar realizando diversos cursos de modelagem e técnicas de costura.

Madrepérola diz que atualmente não tem condições de costurar profissionalmente, pois sente muitas dores, principalmente nas costas e punho. A profissão de costureira é considerada monótona e repetitiva, o trabalho é realizado na posição sentada, na maioria das vezes, acarreta grande sobrecarga na coluna vertebral e nos membros superiores. No entanto, ela expressa ser apaixonada pela profissão, por isso quando se aposentou decidiu ensinar o ofício.

Na elaboração da proposta do curso, Madrepérola desenhou seu projeto para atender a demanda de quem busca qualificação como costureira, ela pretende ser participante e contribuir na melhoria da qualidade de vida de suas alunas. Para tanto, ela compartilha seus saberes e valores visando o empoderamento feminino, oferece conhecimentos específicos para o exercício da atividade profissional de costureira. Além disso, intenciona promover nas alunas competências que considera importantes para a costureira profissional, por exemplo a capacidade para comunicar ideias, ter iniciativa, ser criativa, resolver problemas, tomar decisões e ter autonomia, auxiliando-as na interação com as/os clientes e outros/as profissionais.

O curso está estruturado em duas etapas, com duração total de quatro meses, nos quais são tratados os conteúdos de modelagem, corte e costura. Cada etapa integra um conjunto de ações para desenvolvimento das competências, com as habilidades desejadas para uma costureira. O curso é ofertado em quatro horas semanais (segunda-feira; quarta-feira ou sábado).

Para as alunas que não possuem experiência com costura, Madrepérola descreve a estrutura regular do curso: nos dois primeiros meses apresenta como fazer um molde. Inicia-se com o molde de uma saia, considerado o molde mais simples, faz-se alguns moldes de saias de modelos diferentes, depois faz-se um molde de blusa, vestidos e por último o molde de calça, considerado o mais difícil. Nos meses seguintes, as alunas são incentivadas a escolher um molde e passar para o corte do tecido e posteriormente costurar a peça.

Essa estrutura regular nem sempre é seguida, como as alunas possuem níveis de experiência diferentes, algumas estão no curso apenas para aprender a fazer modelagem, outras já querem aprender peças mais complexas. Madrepérola relata que o perfil de suas alunas é composto por mulheres que tiveram sua formação no próprio processo de

trabalho, elas procuram no curso uma maneira de “validar” uma experiência que julgam ineficiente.

Com relação à infraestrutura do curso, o projeto “Ação Social” disponibiliza uma sala de aproximadamente 18 m², nesta sala contém três mesas grandes para realização dos moldes e corte, cada mesa comporta até 02 alunas, também tem uma mesa com um ferro de passar e um armário para guardar materiais e alguns retalhos de tecido. A sala tem apenas duas janelas tipo basculante e um ventilador no teto, portanto a sala é quente e pouco ventilada.

A professora Madrepérola apresenta as máquinas disponíveis para o curso, na sala contém seis máquinas de costura industrial, sendo três de costura reta, duas de costura Overloque e uma Galoneira. Estes podem ser considerados os três tipos básicos de máquina de costura para confecção: Reta, é o modelo mais comum e o mais utilizado pelas costureiras, usada para costura simples, ela faz o ponto reto que é utilizado para produzir a maioria dos produtos; Overloque, é um modelo que faz duas tarefas ao mesmo tempo, o chuleio³ e a costura, ela é usada para fazer um melhor acabamentos nas peças evitando que o tecido se desfie; Galoneira costura com quatro fios, usa duas agulhas, e é utilizada para fazer costuras retas principalmente em tecidos com elasticidade.

Sobre a experiência no curso, apresenta-se, a seguir, um resumo dos principais conhecimentos construídos pela pesquisadora durante os quatro meses em que participou do curso. Este relato foi escrito em primeira pessoa para sinalizar alguns questionamentos, observações e reflexões que essa experiência prática me proporcionou.

Oito (08) alunas iniciaram o curso na turma de segunda-feira no horário de 8:00 às 12:00 horas (duração de março a julho de 2019), incluindo a pesquisadora. Para apresentá-las utilizou-se de nomes de pedras preciosas:

Esmeralda 69 anos, divorciada, 2 (dois) filhos; Turmalina 55 anos, casada, 2 (duas) filhas e 1 (um) filho; Turquesa 45 anos, casada, 1 (uma) filha; Ametista 40 anos, casada, 1(um filho); Opala 38 anos, casada 2 (dois) filhos; Safira 29 anos, casada, sem filhos/as; e Rubi 20 anos, solteira, sem filhos/as. Todas as alunas possuíam alguma familiaridade com a costura, havendo costureiras profissionais com ampla experiência na área.

3 O chuleio evita que o tecido se desfie. É o acabamento na beira do tecido.

Ressalta-se que não foi traçado o perfil individual de cada aluna, no entanto os relatos e experiências delas foram de grande importância. Durante o curso, por meio de conversas informais, verifiquei que para as alunas a decisão de fazer o curso de Corte e Costura surgiu da demanda de aprimorar seus conhecimentos. Apesar do envolvimento diário com a atividade de costurar elas relatavam uma carência de competências para exercer a profissão. Observei o esforço dessas mulheres em fazer com que aspectos de sua experiência prática fizesse parte de um conhecimento formal.

Na minha percepção enquanto aluna do curso, sem experiência prévia na atividade e também enquanto pesquisadora, questiono se a falta de reconhecimento das próprias competências não estaria baseada em razões tradicionais e culturais, suportadas pela desvalorização dos saberes e competências ditas femininas. Observei que a professora Madrepérola sempre valorizava os saberes das alunas, saberes pelos quais, para efeito de qualificação profissional, as alunas seriam empoderadas.

Nesse sentido, o curso não seguia uma estrutura rígida de ensino, o intuito era aproveitar conhecimentos e experiências diretamente relacionados com o perfil profissional almejado para a qualificação de uma costureira. Cada etapa propiciava uma qualificação para a atuação da costureira de acordo com sua necessidade ou interesse. Além disso, o curso possibilitava a troca de experiência entre as costureiras, valorizando saberes e experiências originados, geralmente, em contextos informais.

No curso de corte e costura tive contato com uma costureira experiente e com mais sete alunas que já possuíam alguma experiência com a costura, sendo assim, ao mesmo tempo em que observo e afirmo inexistir a relação entre ser mulher e costurar, não posso deixar de admitir que, no início da pesquisa, pareceu que costurar era um saber natural das mulheres. Mas tal possibilidade de saber naturalizado foi sendo desconstruída já nas primeiras aulas do curso, em que foi possível evidenciar inúmeros saberes matemáticos presentes no cotidiano de uma costureira, as mulheres modelam suas competências com a prática em sua profissão.

Como eu não tinha nenhuma experiência com costura, comecei o curso aprendendo a fazer o molde de uma saia reta, o primeiro passo era saber as medidas: cintura, quadril e comprimento. Com as medidas anotadas, Madrepérola explicou que os moldes são sempre trabalhados com $\frac{1}{4}$ de medida. Utilizamos um kit de gabarito para desenhar a saia. Ela explicou cada elemento do molde, por exemplo a margem que serve de dobra para determinar onde será costurado o zíper, a linha do quadril e a linha da cintura. O próximo passo era determinar o número do molde no gabarito, utilizando $\frac{1}{4}$

da medida do quadril, assim, usei a fita métrica para determinar o número correspondente e posteriormente desenhar a cintura da saia.

Para desenhar o comprimento da saia, Madrepérola ressaltou a importância de saber utilizar o esquadro, nas palavras dela:

Agora é importante trabalhar bem com o esquadro, porque é o esquadro que não deixa a roupa ficar torta. Então, você precisa posicionar o esquadro na linha do quadril para traçar o comprimento da saia. (MADREPÉROLA).

Depois que o molde estava desenhado eu conferi a medida da cintura (lembrando de sempre utilizar $\frac{1}{4}$ da medida aferida), em que foi necessário remarcar a linha da cintura inserindo mais 2 cm para marcar as pences da saia. Madrepérola utilizou uma régua curva para redesenhar a linha da cintura garantindo que a saia tenha um melhor “caimento”.

Baseado apenas no relato acima, poderíamos argumentar que não são todas as costureiras que lidam com a etapa de modelagem em sua profissão, de forma equivocada naturaliza-se os saberes necessários para a atividade realizada diretamente na máquina de costura. Observei que as costureiras que não estão envolvidas com a tarefa modelagem, lidam com uma invisibilidade de saberes ainda maior, muitas vezes delas próprias, ao longo da vida mobilizam seus saberes de forma inconsciente.

Neste ponto é destaque que para mim, aprender operar a máquina de costura foi muito mais difícil que aprender a fazer um molde. Ficou claro que atividade da costureira está impregnada de outros saberes e valores próprios do ofício: guiar o tecido, lidar com a velocidade da máquina, conhecer o tipo de linha e agulha, são alguns poucos exemplos.

Meu conhecimento matemático prévio (adquirido com a escolarização formal) me ajudou a compreender as normas e regras para fazer o desenho de uma peça de roupa, no entanto não foi suficiente para aprender de forma satisfatória a atividade. A atividade na máquina de costura mostrou-se ainda mais complicada para mim. Eu não dispunha das habilidades necessárias para controlar a velocidade do pedal da máquina, guiar o tecido corretamente, passar a linha na agulha e trocar alguns componentes da máquina.

A todo instante as costureiras estão medindo, quantificando, comparando, explicando, usando instrumentos e materiais e de algum modo sistematizando saberes complexos, produzidos e mobilizados na atividade de trabalho.

Como fazer uma camisa feminina?

Acompanhar uma costureira em seu ofício foi uma tentativa de dar sentido às observações e relatos recolhidos em torno do tema da costura, buscando desvelar a complexidade da atividade.

O objetivo era produzir uma camisa feminina, o primeiro passo foi definir a quantidade de tecido que seria necessário, foram estimados mais ou menos 150 centímetros. Para determinar a quantidade de tecido, a costureira Esmeralda relacionou o modelo da camisa e as dimensões da cliente, principalmente altura e circunferência.

Neste processo, Esmeralda disse que pensa no comprimento total da camisa e soma com o comprimento das mangas e acrescenta mais um pouco para fazer a gola e os punhos. Ela acrescentou que a quantidade também depende do tipo de tecido, tecidos com elastano costumam encolher quando são molhados. No caso o tecido recomendado foi do tipo Tricoline (100% algodão).

Para fazer a camisa Esmeralda não fez desenho ou molde no papel, fez a camisa a partir de outra já pronta. No entanto, a camisa pronta era maior que o tamanho desejado e também de modelo masculino. Desta forma, Esmeralda pediu para que a cliente experimentasse a camisa masculina e fez todos os ajustes necessários, utilizando alfinetes. Além de reduzir o tamanho proporcionalmente, ela precisou remodelar a camisa para o modelo feminino, segundo ela para deixá-la com a cintura bem definida, nas palavras dela:

Percebe a diferença que está desta camisa para o seu corpo. Como é para mulher, você pode dar pinça aqui (aponta a frente da camisa), para pegar mais o jeito do seu corpo. (ESMERALDA).

Primeiro ela cortou as costas da camisa, e em seguida posicionou a camisa pronta dobrada sobre o tecido dobrado e com o auxílio de um giz de costura desenhou no tecido, sempre atenta para manter as medidas marcadas com os alfinetes, desta forma poderia garantir que o tamanho estaria de acordo. Depois de cortado, ao abrir o tecido a costa da camisa ficou uma peça inteira. O mesmo procedimento de desenho e corte foi realizado para as mangas, gola e punhos. Para cortar a frente da camisa, Esmeralda não utilizou o tecido dobrado, ela explicou que o modelo será aberto na frente com botões, por isso ele cortou duas peças do tecido.

Depois de elaborar o desenho no tecido, Esmeralda realizou o corte, neste momento observou-se que ela não cortava na marcação realizada no tecido, ela explicou:

Aqui você tem que deixar sobra de pano. Como eu já acostumei a cortar eu nem uso a fita, mas você tem que deixar uns 2,0 centímetros de largura mais ou menos (ela pega a fita métrica e mede). Se na hora de cortar você ficar na dúvida se vai ficar apertado, você deixa mais tecido ainda. Esses 2,0 centímetros é onde vai ficar a costura para dentro do tecido. (ESMERALDA).

Esmeralda é uma senhora de 69 anos que aprendeu a costurar ainda criança, comprou sua primeira máquina de costura aos 15 anos e começou a costurar para gerar renda para a família.

Comecei a costurar quando era criança, com o auxílio de minha mãe. Eu já tentava fazer algumas coisas que saiam meio ruim, né? Aí com 15 anos eu acho que já comecei a fazer conserto de roupas e roupas para fora.” (ESMERALDA).

Esmeralda concluiu o Ensino Fundamental I (4ª série) e não frequentou nenhum curso de qualificação de corte e costura, ao ser questionada se sua profissão demanda conhecimentos específicos, por exemplo matemática, ela respondeu que achava que não, no entanto disse:

No começo era muito difícil. Eu fazia a cava da camisa muito pequena e aí na hora de provar eu sabia que tinha que aumentar bem mais. Aí com o tempo eu já tive uma noção bem maior do tamanho que eu ia fazer para não precisar cortar tanto. (ESMERALDA).

Ao demonstrar a confecção de uma camisa feminina, é possível identificar que Esmeralda vai aperfeiçoando os seus conhecimentos por meio da prática, ela não utiliza moldes prontos, ela tira as medidas da cliente e faz seus próprios modelos e assim desenvolve novas competências.

Neste contexto de observação, destaca-se o saber matemático na profissão de costureira, este pode ser associado ao uso da fita métrica em todas as etapas do processo, com intuito de aferir as medidas necessárias para confecção de uma peça, unidades de medidas expressas em metros e centímetros. Regras de arredondamento, a costureira faz uso somente de números inteiros desconsiderando a parte decimal, nesse caso, Esmeralda explica: “o número depois da vírgula não vai fazer diferença na hora de costurar a peça”. Além de tirar as medidas, é preciso calcular o tamanho e a proporção

da roupa a ser costurada. Estes são alguns conceitos matemáticos que fazem parte da atividade de costureiras.

Considerações Finais

Retomando a problemática proposta neste artigo, é pertinente considerar as competências de forma sexuada e imputá-las às mulheres de maneira natural. Com base na discussão realizada conclui-se que não é pertinente tal naturalização, observou-se, no entanto, que historicamente certas habilidades e competências foram associadas às mulheres muitas vezes devido a expectativas sociais e culturais em torno dos papéis de gênero. Neste contexto, a categoria relações de gênero busca combater o determinismo biológico, focalizando a relação entre homens e mulheres, discutindo a opressão da mulher como socialmente construída.

Na divisão sexual do trabalho, o papel da mulher está definido para contribuição à reprodução social sem remuneração, as mulheres dividem seu tempo entre suas atividades no mundo de trabalho produtivo e a realização das tarefas domésticas relativas aos cuidados da família, bem como do trabalho reprodutivo.

Para Hirata (2002), a articulação entre trabalho produtivo remunerado e trabalho reprodutivo doméstico deve conduzir a uma nova abordagem dentro da divisão sexual do trabalho que permita ampliar com categorias extremamente simplista, na esfera produtiva, entendida como produção de valores, e esfera reprodutiva, a produção de valores de uso não mercantis, dando lugar à elaboração de novos conceitos que ultrapassem a universalidade aparente dessas categorias baseadas em um modelo masculino.

De acordo com Sennett (2009), toda atividade se baseia em aptidão técnica desenvolvida em alto grau, e se deve, portanto, desconfiar das supostas habilidades inatas e sem treinamento. Logo pode-se afirmar que, ao ver o trabalho de uma costureira é fato que ela aprendeu uma técnica complexa por meio de muito estudo, ainda que esse processo de formação não seja formalmente reconhecido.

Outro ponto problemático é que o ofício de costureira, por vezes, é associado a um trabalho doméstico e não profissionalizado. De fato, no estudo empírico e no estudo teórico foi possível evidenciar que, na maioria dos casos, o aprendizado do ofício se estabeleceu a partir de um ensino não formal, mas é importante destacar que isto não é obstáculo para estas mulheres desempenhem a profissão.

Sem uma qualificação formal, o que se observou na prática é a utilização de outros meios para validar os saberes envolvidos no ofício, as costureiras não são meras executoras de processos predeterminados, estas profissionais agregam diversos valores a atividade.

Referências

- ANGELIN, Paulo Eduardo. Profissionalismo e profissão: teorias sociológicas e o processo de profissionalização no Brasil. REDD–Revista Espaço de Diálogo e Desconexão, Araraquara, v. 3, n. 1, p. 1-16, 2010.
- BRASIL. **Resolução CNS nº 466**, de 12 de dezembro de 2012. Conselho Nacional de Saúde, 2012.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações**. Disponível em: <http://www.mteco.gov.br>. Acesso em: 25 jun. 2018.
- BRITO, Jussara Cruz de; OLIVEIRA, Simone Santos. A dimensão gestonária do trabalho e o debate de normas e valores no teleatendimento. **Trabalho, educação e saúde**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 265-284, 2011.
- COLOMBI, Ana Paula Fregnani; LEMOS, Patrícia Rocha; CORRÊA, Ellen Gallerani. Ofensiva patronal e vulnerabilidade labora: os efeitos iniciais da reforma trabalhista a partir do relato de empresários e sindicalistas da indústria de confecção paulista. **Revista de ciências sociais-política & trabalho**, João Pessoa, n. 53, p. 239-257, 2020.
- DINIZ, Marli. Os donos do saber: profissões e monopólios profissionais. Rio de Janeiro: Revan, 2001.
- DUBAR, Claude. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. *Cadernos de pesquisa*, São Paulo, v. 42, n. 146, p. 351-367, 2012.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e a crise do capitalismo real. São Paulo: Cortez, 2010.
- GRAMSCI, Antônio. *Obras escolhidas*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. Sociologia e natureza: classes, raças e sexos. In: KÉRGOAT, Danièle (org); FALQUET, Jules (org). *Partie 4 intersection des multiples inégalités: genre, race et classe sociale*. 2016.
- HIRATA, Helena. KÉRGOAT, Daniele. A Classe Operária tem dois Sexos. *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 94, p. 93-100, 1994.

HIRATA, Helena. Divisão - Relações Sociais de Sexo e do Trabalho: contribuição à discussão sobre o conceito de trabalho. *Em Aberto*, Brasília, v. 15, n. 65, 1995.

HIRATA, Helena. *Nova Divisão Sexual do Trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2002.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo social*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014.

HIRATA, Helena; KÉRGOAT, Danièle. Atualidade da divisão sexual e centralidade do trabalho das mulheres. *Revista de Ciências Sociais-Política & Trabalho*, João Pessoa, n. 53, p. 22-34, 2020.

KÉRGOAT, Danièle. Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho. In: LOPES, Marta J. M. MEYER, Dagmar E. WALDOW, Vera R. (orgs.) *Gênero e Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

KÉRGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. *Novos Estudos-CEBRAP*, São Paulo, n. 86, p. 93-103, 2010.

KÉRGOAT, Danièle. *Lutar, dizem elas*. Coordenação editorial [de] ÁVILA, Maria Bethânia e FERREIRA, Veronica. Recife: SOS CORPO, 2018.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História, São Paulo*, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

SCHWARTZ, Yves. Trabalho e uso de si. *Pro-posições*, Campinas, v. 11, n. 2, p. 34-50, 2000.

SCHWARTZ, Yves. Trabalho e saber. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 21-34, 2003.

SCHWARTZ, Yves. Trabalho e gestão: níveis, critérios e instâncias. In: *Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo*. M. Figueiredo, M. Athayde, J. Brito, & D. Alvarez (Orgs.). Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

SENNETT, Richard. *O Artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. O ofício, a oficina e a profissão: reflexões sobre o lugar social do professor. *Cadernos Cedes*, São Paulo, v. 25, p. 249-259, 2005.

TARGINO, Maria das Graças. Quem é o profissional da informação? *Transinformação*, Campinas, v. 12, p. 61-69, 2000.

TRINQUET, Pierre. Trabalho e educação: o método ergológico. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, v. 10, n. 38e, p. 93-113, 2010.

YANNOULAS, Silvia Cristina. Feminização ou feminilização? apontamentos em torno de uma categoria. **Temporalis**, Brasília, v. 11, n. 22, p. 271-292, 2011.

Recebido em março de 2023.
Aprovado em agosto de 2023.